

"Reunião em trânsito"

janeiro a dezembro de 2025

Margaux Trarieux – margauxtrarieux@hotmail.com

Romina Díaz – roo.diazm@gmail.com



NOSSO PONTO DE PARTIDA

Como jovens sociólogas clínicas, desde que nos conhecemos há 2 anos na Universidade Paris Cité, juntas refletimos:

- sobre o futuro, o papel e a missão da Sociologia Clínica (SC) nos âmbitos acadêmico, social e político,
- sobre a continuidade da transmissão dos conhecimentos e do saber-fazer que permitem seu desenvolvimento e fortalecimento,
- sobre a função da Rede Internacional de Sociologia Clínica nesse contexto.

Essa questão surge de nossas próprias experiências, mas sentimos que ultrapassa os limites de nossas vivências, transformando-se em uma pergunta coletiva.



NOSSO PONTO DE PARTIDA

Em um contexto neoliberal globalizado, que transforma as instituições acadêmicas e as organizações do trabalho, degrada os recursos naturais e humanos e destrói o laço social. Enfrentamos fragilidades e sofrimentos locais, que se expressam de diversas maneiras de acordo com o país, gênero, nível socioeconômico e a posição em nossas carreiras (iniciante, sênior, etc.)



ENCONTROS A COLHEDORES

9

Países: Argentina, Bélgica, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, França, México, Uruguai.

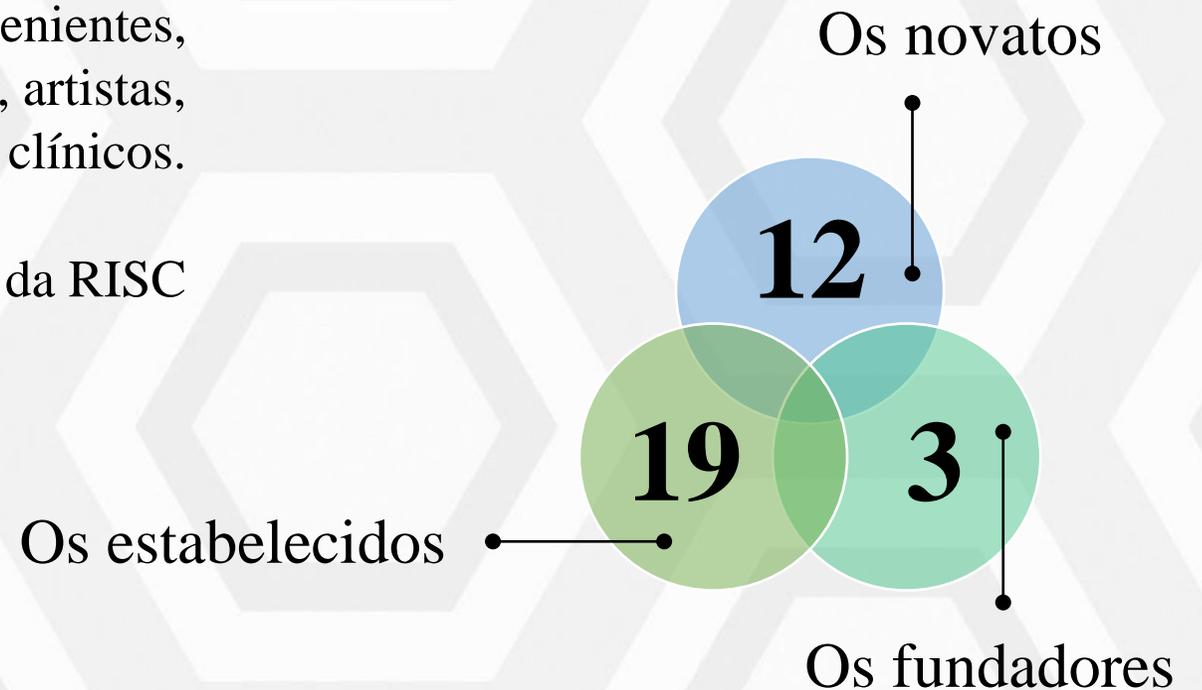
33

Participantes: formadores, intervenientes, acadêmicos, terapeutas, artistas, psicossociólogos e sociólogos clínicos.

1

Uma conversa com o **Presidente** da RISC

Conversamos com três gerações:



Temas de discussão



Identidade da RISC (a)

Todos compartilham o desejo de **levar as identidades "clínicas"** a suas diversas práticas (acompanhamento, ensino, formação, intervenção, pesquisa).

- Desejo de continuar pertencendo à RISC
- Desejo de encarnar, de representar "uma comunidade de pensamento"
- O desejo de continuar acompanhando indivíduos e grupos com o objetivo de promover mudanças benéficas e emancipatórias
- Desenvolvendo um trabalho que conecte o teórico com o prático; o conhecimento com a experiência; e as dimensões sociais e psicológicas.

Identidade da RISC (b)

Mais de 40 anos após a criação da disciplina e 10 anos da RISC. A disciplina alcançou um ponto de **desenvolvimento rico e nutritivo**, onde é possível identificar singularidades, por um lado, locais, culturais, e por outro, epistêmicas e metodológicas. Há um **saber-fazer diverso**, mas com um **coração em comum**.

Essa constatação abre a discussão sobre os **limites** da disciplina e sua **legitimidade**:

- Transdisciplina, Interdisciplina, subdisciplina
- Institucional e/ou Sobre os usuários

Identidade da RISC (c)

Isso nos motiva a pensar nas **formações**:

- GIR
- Certificações
- Mestrados e Diplomas
- Outros a imaginar, pertinentes aos tempos e necessidades atuais.

...e como combiná-los.

Nos motiva a pensar na **divulgação do nosso trabalho**. Ir além da academia, dar a conhecer nosso trabalho à sociedade.

Identidade da RISC (d)

O que temos em comum:

- É que nosso **trabalho faz sentido**,
- Cria reflexão e elaboração,
- Constrói **horizontes possíveis de transformação**.

Adquirimos expertise no trabalho com o sofrimento, a violência, a raiva, a vergonha, o isolamento.

E acreditamos que devemos continuar nessa linha.

Nossos desafios como RISC (a)

Mantermos unidos, como nunca antes

- Nossa diversidade é uma riqueza.
- A reflexão e o diálogo são nossas principais ferramentas.
- Nossa convicção emancipatória, o horizonte comum.

Em um contexto adverso, precisamos nos **acompanhar e cuidar** uns dos outros.

Nossos desafios como RISC (b)

Construir uma grande casa, que acolha a todos igualmente

Precisamos pensar na estrutura da organização:

- Que facilite a democratização territorial e os intercâmbios internacionais.
- Que promova relações e acompanhamentos intergeracionais.
- Que estimule o aprendizado diverso do saber-fazer da Sociologia Clínica. Ou seja, compartilhar experiências, práticas, métodos utilizados, compreensões teóricas, tensões, etc.
- Que favoreça uma academia que se nutra da intervenção, e vice-versa.

NOSSO CONVITE

"Embora o trabalho do psicólogo, psicossociólogo ou sociólogo clínico se torne cada vez mais difícil — pois as organizações se rigidificaram um pouco e, na maioria das vezes, só aceitam mudanças desde que não questionem a ordem social — (...) é fundamental que todos saibam que, mesmo que o trabalho seja mais difícil de realizar devido à situação atual, continua sendo indispensável fazê-lo com todo o rigor necessário e graças à implementação de uma das características centrais da nossa condição humana: a coragem, virtude muitas vezes esquecida, mas que considero indispensável para pensar nosso mundo atual e lutar junto a outros para transformá-lo" (Eugène Enriquez, 2022)



¡Gracias!

**O que quero ou aspiro
transmitir da minha posição no
contexto atual (social, político e
acadêmico) da Sociologia
Clínica?**

Do meu humilde lugar de aprendiz, gostaria de transmitir sobre a Sociologia Clínica:

Somos uma transdisciplina indisciplinada. Operamos com lógicas distintas na construção do saber, questionando a ordem estabelecida, seus limites e nossa relação com a natureza. Não nos encaixamos em moldes tradicionais; nossa força está nessa ruptura.

Ontem, hoje e talvez amanhã, continuaremos enfrentando opressões políticas, institucionais e epistemológicas que tentarão negar o que somos. Mas não esqueçamos que "**a possibilidade de autorizar-se a pensar**" é uma ferramenta chave. Essa capacidade de reivindicar nosso pensamento e nossa ação é o que permite avançar o conhecimento.

Esse pensar não é abstrato: é um movimento *senti-pensante*. Ancora-se no corpo, nas emoções, nas biografias que nos habitam e nas materialidades que nos condicionam. Não há teoria sem carne nem reflexão sem marca.

Enquanto a globalização seguir firme, continuaremos confrontados com problemas locais, mas com expressões locais. Aí, **a escuta, a empatia e o reconhecimento do outro como legítimo** nos permitirão compreender melhor de onde nos falam e quais são as oportunidades de transformação.

A Sociologia Clínica tem seu próprio tempo: não é um fast food teórico. É como aqueles ensopados que cozinham em fogo baixo, com tempero generoso e carinho para quem os compartilhará. Porque o conhecimento, como a boa comida, é feito com paciência, respeito pelos ingredientes e um propósito comum: alimentar novos mundos.

Do meu lugar, primeiro como acadêmica, aberta a outros horizontes clínicos, o central para mim é continuar:

Transmitir o rigor combinado com a humildade de uma sociologia clínica,
e encarnar essa postura na prática, como pesquisadora e docente/formadora nos espaços de reflexão em que participo e busco construir, equipada com essa disciplina.

Esse desejo, essa necessidade desde que me apoio na Sociologia Clínica, se traduz:

- Na coragem de sustentar uma abordagem da complexidade, acompanhada de uma humildade desconcertante. Deixar "*perguntas abertas em suspenso*", dar espaço às dúvidas, ao desconhecido → aceitar uma ampliação de competências e saberes diante de objetos sociais "*complexos*" (cf. M. Pagès em *A vida afetiva dos grupos*); Assumir que essa abordagem só pode ser alcançada abrindo-se à **transdisciplinaridade**. Uma forma de lutar, por um lado, contra os obstáculos da especialização desmedida e o fechamento dos coletivos de pensamento entre si no campo acadêmico das Ciências Humanas e Sociais (CHS) hoje; e por outro, contra as modalidades de recuo político e identitário.
- Na **exigência da implicação**
pensar nos efeitos da própria presença, da participação na interpretação, do que pode produzir a elaboração, tanto nos outros quanto em si mesmo → a clínica exige uma atenção constante ao que emerge (cf. F. Giust-Desprairies em *Clínica em Ciências Sociais*).
- **Dar lugar à Alteridade, com maiúscula:** a Sociologia Clínica (SC) só pode se realizar com outros que sustentem a reflexão e a reflexividade → reivindicar o **poder do coletivo** em um contexto individualista e competitivo.

"Reunião em trânsito" 2025

Margaux Trarieux – margauxtrarieux@hotmail.com

Romina Díaz – roo.diazm@gmail.com

